

O CINEMA

A CIDADE QUE, NO COMEÇO, SERVIA APENAS DE CENÁRIO PARA DOCUMENTÁRIOS ABRIGA TALENTOSOS E APAIXONADOS PROFISSIONAIS DA SÉTIMA ARTE

TAINÁ FALCÃO
ESPECIAL PARA O CORREIO

Cinquentas anos atrás, ainda pouco conhecida, Brasília exibia-se às lentes que a observavam com curiosidade. Na inauguração, fotógrafos e cinegrafistas documentavam a terra avermelhada da capital e as curvas dos monumentos de Niemeyer. Nas cenas da época, Juscelino Kubitschek sorria, orgulhoso. Após inaugurada, a autêntica Brasília era constantemente filmada por nomes conhecidos do cinema brasileiro.

Cacá Diegues, que dirigiu *Bye bye Brasil* (1979), e Glauher Rocha, com *A idade da Terra* (1980), são alguns dos que abordaram a cidade que para muitos brasileiros ainda era um mistério. Aos poucos, Brasília mostrava ao Brasil que era talentosa também por trás das câmeras. Enquanto tinha sua imagem explorada por diretores de outros estados, a nova capital também atraía a atenção de quem abria espaço para o cinema na cidade.

O paraibano Vladimir Carvalho, por exemplo, encantou-se pela metrópole em formação assim que nela pisou pela primeira vez, em 1969. Convidado para ajudar na criação de um núcleo de produção de documentários na Universidade de Brasília (UnB), ele se mudou para a capital com a promessa de permanecer por apenas três meses. Mas nunca foi embora. Hoje, aos 75 anos, ele guarda boas lembranças da cidade ainda em construção. "Comecei a ver em Brasília, tão moderna e contemporânea, um curioso portal para o arcaico que me remetia ao mundo sertanejo de onde eu provinha. Esse compasso binário orienta até hoje tudo o que faço no cinema", ressalta o cineasta.

Após emplacar 19 filmes nas salas de cinemas de todo o país, Vladimir reconhece a formação de um novo perfil de profissionais no cinema brasiliense. Ele admira a espontaneidade de cineastas como José Eduardo Belmonte, conhecido nacionalmente pela autoria de premiados longametragens, como *Se nada mais der certo* e *A concepção*.

MERCADO EM EXPANSÃO

Filho do cineasta Geraldo Moraes, integrante da vanguarda do cinema brasileiro e um dos precursores da sétima arte em Brasília, o produtor de cinema e animador Márcio Moraes, 45 anos, comemora o crescimento do mercado cinematográfico. "Da década de 1990 até os dias atuais, a capital se tornou a quarta maior cidade produtora de cinema do Brasil, atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Manter nesse ranking é muito bom para quem está fora do mercado da televisão e produz basicamente para mídia digital e cinema", comenta.

Mesmo diante de um cenário favorável para o cinema brasiliense, Márcio Moraes lamenta a falta de sensibilidade de profissionais de outros estados que não reconhecem o potencial da cidade para a produção da sétima arte. "O problema é que profissionais de outros estados querem levar os bons profissionais. O que ainda não existe é a noção de que temos condições de fazer cinema aqui e que Brasília é diferente. Após descobrirem esse diferencial, poderemos competir com Rio e São Paulo", aposta.

Embora acredite que Brasília esteja no caminho certo para ser melhor representada no cinema brasileiro, o produtor ressalta que a cidade precisa ser mais valorizada nos filmes. As imagens de pontos turísticos da capital, como o Congresso Nacional e a Catedral, escondem a beleza de aspectos poucos explorados em Brasília. "Os três ambientes são explorados, mas a estrutura mesmo não. Cai muito no clichê. Brasília ainda não foi descoberta, ainda tem muito para mostrar. A primeira coisa que diferencia é nossa geografia, nossa arquitetura, nossa gente", assegura Moraes.

RETRATO DO ABANDONO

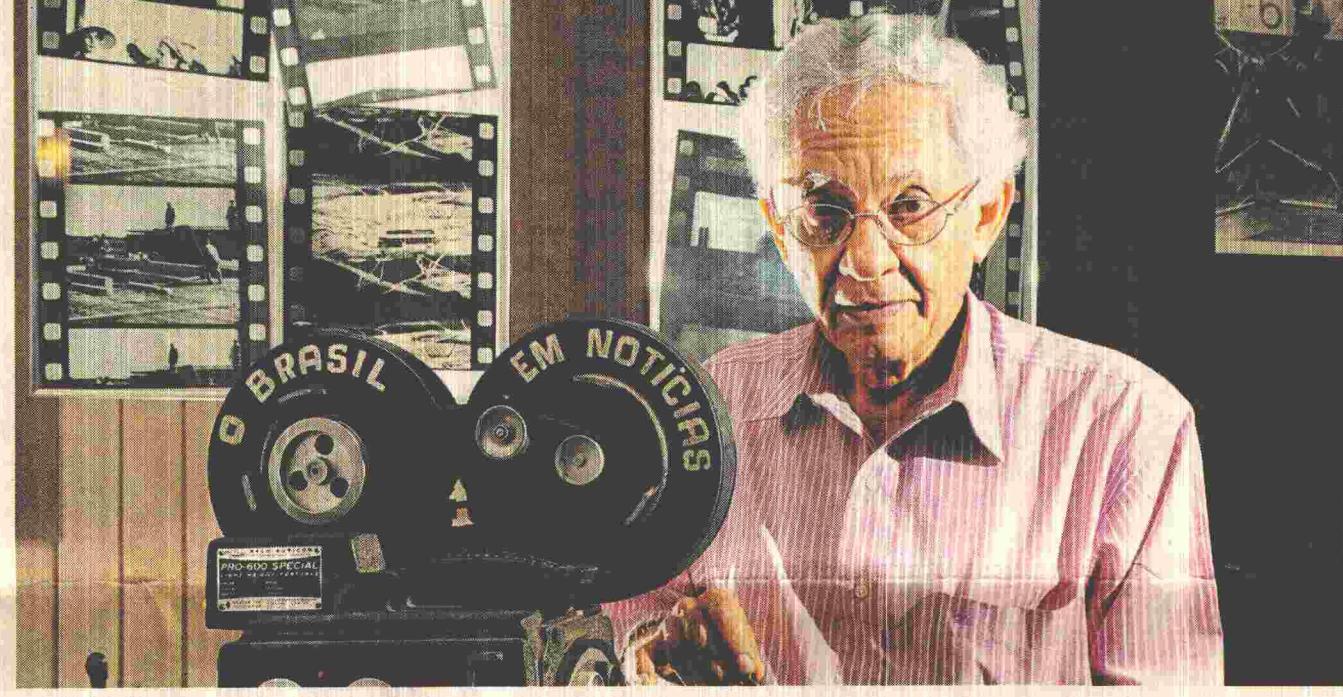
Sede de um dos maiores festivais de cinema do país, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, criado em 1965 para premiar filmes inéditos, a capital ainda sofre com o abandono de espaços importantes, como o Polo de Cinema e Vídeo Grande Otelo, mais conhecido como Polo de Cinema de Sobradinho, localizado no Km 4 da DF-330. Com 17 anos e há quase 12 sem passar por reforma, ele começa a apresentar severos sinais de deterioração. Portas destruídas, problemas na instalação elétrica e goteiras são alguns dos desafios a se vencer. Com isso, a função de aproximar a população do cinema e o aporte a produções locais ficam cada vez mais enfraquecidos.

Os camarins se transformaram em salas vazias ou depósitos, com portas empenadas e fechaduras quebradas. A cantina guarda peças obsoletas de instalações elétricas, mesas inutilizadas, restos de cenários, inúmeras gavetas empilhadas e até uma caixa de correio e um orelhão antigo. Espalhados por todo o prédio também estão equipamentos de projeção antigos, enferrujados, que poderiam compor um museu, mas estão se desfazendo.

O espaço mais importante, o estúdio de cinema, o maior do Centro-Oeste, é também o que mais sofre com o longo tempo sem reparos. O galpão era utilizado para filmagens e oficinas abertas à comunidade. O último evento, realizado no início de 2009, recebeu mais de 5 mil crianças de escolas públicas para sessões de cinema. Hoje, parte do telhado já se foi, arrancada pela chuva e pela ventania. As placas que fazem o isolamento acústico do teto também estão caindo. Para produtores culturais, o descaso é resultado da falta de interesse político. "O Polo de Cinema é um dinossauro morto que precisa ser revitalizado. Falta interesse político e investimentos. Criou-se um espaço que poderia ser dedicado ao aprendizado, à produção e à educação, mas a gente perdeu tudo", afirma Márcio Moraes.

IMAGEM EM CONSTRUÇÃO

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



O cineasta Vladimir Carvalho não esconde o encanto pelo cenário e por personagens brasilienses, que considera perfeitos para os seus filmes

Cadu Gomes/CB/D.A Press



O produtor Márcio Moraes é otimista em relação ao mercado cinematográfico: "A capital se tornou a quarta maior cidade produtora de cinema do Brasil"

AS ARTES PLÁSTICAS

GALERIA A CÉU ABERTO

No ano passado, Brasília parou para acompanhar o painel pintado pelo artista plástico Galeno, um dos nomes mais respeitados da nova geração de criadores, na Igrejinha da 108 Sul. Diante dos olhos compridos de alguns fiéis que viram surgir uma imagem distante da consagrada face de Nossa Senhora de Fátima, o autor de *Brazilândia* fazia uma conexão entre presente e passado. Nas pipas e carretéis que corriam as paredes, ele reconstituiu uma obra que desapareceu e sabe-se lá por quê. Antes, havia ali uma criação de Alfredo Volpi (1896-1988) que estabelecia comunicação entre arte e arquitetura, diálogo que marca todo o projeto de concepção de Brasília.

Entre engenheiros, técnicos e operários, estava aqui, na concepção do Plano Piloto, um grupo de criadores cujas obras hoje, 50 anos depois, se encontram completamente integradas à paisagem monumental da cidade. Criações de Alfredo Ceschiatti (1918-1989), Athos Bulcão (1918-2008), Bruno Giorgi (1905-1933), Maria Martins (1900-1973), Marianne Peretti (1927) e Roberto Burle Marx (1909-1994) deram identidade ao projeto de Lucio Costa e às edificações de Oscar Niemeyer. Um dos conjuntos mais visíveis é o de Athos Bulcão.

"Perfeita integração da arte na arquitetura, a obra de Athos alcança tom maior, ganha importância nos

relevos do Teatro Nacional. Habitantes, turistas, caminhantes, no grande relevo sobre a fachada do teatro, veem os volumes serem iluminados ou escurecidos, ora um lado, ora o outro, conforme a hora do dia. A obra conta com a interferência do sol, que salienta volumes e planos. É o Athos tridimensional", analisa a ensaísta e escritora Ligia Cademartori, no livro *Os criadores* (Coleção Brasilienses).

Quando o Teatro Nacional Claudio Santoro teve os cubos retirados, no ano passado, a sensação foi de uma nudez constrangedora. Essa unidade da obra com a edificação parece indissociável. Quem pode conceber o Palácio do Itamaraty sem *O meteoro*, de Bruno Giorgi, à flor d'água, rodeado pelos jardins de Burle Marx, que adentram ao interior? Ou ainda imaginar a Catedral e o Memorial JK sem os vitrais intencionais de Marianne Peretti?

Estudiosa da obra de Maria Martins, que possui esculturas surreais no Palácio do Itamaraty e nos jardins do Palácio da Alvorada, a crítica de arte e curadora Graça Ramos chama a atenção para o que está pouco visível além da Praça dos Três Poderes e da Esplanada dos Ministérios. Ela acaba de conceber um ensaio, sobre a obra de Burle Marx, para o livro *Os criadores*, no qual mapeia os jardins do criador espalhados pela cidade. Uma das obras que estão fora do roteiro turístico é *Pedras que brotam do lago*, que faz alusão aos cristais do cerrado, e fica localizada no Setor Militar Urbano. Majestoso, esse conjunto revela perfeita integração entre arte, arquitetura e natureza. (S.M.)

BRASÍLIA É UMA METÁFORA QUE NÃO SE REALIZA NA HISTÓRIA, MAS PREENCHE UM SENTIMENTO DE GRANDEZA"

GLAUBER ROCHA, CINEASTA